

# Pasto prevalece em áreas desmatadas no Pará, aponta Inpe

online pharmacy mail order buy [atarax online](#). anti-depressant|anti-anxiety. gums new, body-building, anti-depressant.

## ***Relatório mostra qual é a destinação dada às terras que perderam florestas***

Cerca de 54% de toda a área desmatada do Pará foi transformada em pasto, especialmente para a criação de gado. Do total de 254,6 mil quilômetros quadrados (km<sup>2</sup>) de áreas abertas no Estado, 136,9 mil km<sup>2</sup> foram ocupados por pastagens. É o Estado com a maior área desmatada com essa finalidade, correspondente a quase 31% de todas as áreas com coberturas por pastagens da Amazônia.

Em toda a região, essa porcentagem chega a 62%, do total de 751,3 mil km<sup>2</sup> desmatados. É o que aponta o relatório Terra Class, projeto do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) para mapear o uso das áreas desmatadas na Amazônia. Os resultados, com base no ano de 2012, foram apresentados no último dia 28 pelos ministros da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Clelio Campolina Diniz, e do Meio Ambiente (MMA), Izabella Teixeira, dirigentes e pesquisadores do Inpe e Embrapa, durante entrevista coletiva na sede do MMA, em Brasília.

Segundo o estudo, a maior parte dessa área desflorestada no Estado é ocupada atualmente por pasto limpo (áreas de pastagem em processo produtivo com predomínio de cobertura de espécies gramíneas). São 103,5 mil km<sup>2</sup>, o que representa 40,7% do total. Das áreas destinadas a pecuária no Pará, ainda aparecem

21,4 mil km<sup>2</sup> classificadas como de pasto sujo, que foram terrenos abertos para receber o gado, mas estão abandonados; 11,8 mil Km<sup>2</sup> de regiões regeneradas com pasto; e 8,4 km<sup>2</sup> de pasto com solo exposto.

[generic female viagra](#) offers serious approach to the troubles of female sexual

Na comparação com o último levantamento, de 2010, é possível verificar uma pequena redução no percentual de áreas desmatadas ocupadas por pastagem no Estado. Na ocasião, a proporção era 58% (146,3 mil Km<sup>2</sup> do total de 241,3 mil Km<sup>2</sup>), sendo 44% de pasto limpo (107,2 mil Km<sup>2</sup>) e 9,4% de pasto sujo (22,6 mil Km<sup>2</sup>). O levantamento também indica uma leve baixa no percentual de área ocupada pelas classes de pastagem na Amazônia: de 62,2% para 61,9%. Proporcionalmente, os Estados do Acre, Rondônia e Tocantins são os que mais destinam as áreas desmatadas para pastagem, com mais de 70% convertido para este tipo de uso.

O dado comemorado pelo mapeamento é o aumento do processo de regeneração. No Pará, foi verificado 63,1 mil km<sup>2</sup> de vegetação secundária, proporcional a 24,8% de toda a área desflorestada. Em 2010, essa proporção era de 23,9% ou 57,6 mil Km<sup>2</sup>. Já em toda a Amazônia Legal, foram identificados pouco mais de 172 mil km<sup>2</sup>. A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, ressaltou que, desse total, 113 mil km<sup>2</sup> se mantiveram em regeneração no período de 2008 a 2012.

zoloft vs prozac vs lexapro. does zoloft come 150 mg tablets. can you [buy zoloft online](#). zoloft vs prozac for depression. best price zoloft 100mg. order zoloft

“Isso significa que temos mais floresta em regeneração do que está sendo retirado”, disse ela, explicando que no mesmo período foram desmatados cerca de 44,2 mil km<sup>2</sup> na Amazônia Legal, segundo dados do Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal (Prodes).

O relatório Terra Class 2012 aponta que a agricultura é responsável por apenas 1,25% (3,1 mil Km<sup>2</sup>) dos desflorestamentos recentes no Pará, pois as plantações estão avançando sobre locais onde havia pastagens. Em toda a região, pela mesma razão, o número também é baixo: 6% (42,3 mil km<sup>2</sup>). Já as atividades de mineração são responsáveis, por apenas, 545,9 km<sup>2</sup> (0,21%) do desmate no Pará (era 0,13% em 2010). Outros 41,1 mil km<sup>2</sup> (16,1%) de florestas devastadas no Estado não foram observados pelos pesquisadores, devido à dificuldade de acesso e visualização dos satélites.

buy [generic baclofen](#) 20 mg today for up to 65% off retail cost at your pharmacy with ps card.

Presidente do Ibama questiona pesquisas feitas sobre devastação florestal

As recentes pesquisas publicadas pelo Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), que apontam uma alta alarmante do desmatamento na região, foram criticadas e questionadas pelo presidente nacional do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Volney Zanardi Júnior. Ele afirmou que os dados são baseados num sistema que fornece informações brutas e que requer uma série de filtros e pesquisas presenciais para extrair informações válidas, chamado "Deter". Este sistema é apenas de uso técnico para investigação e fiscalização. Zanardi também explicou que o único sistema com base de dados confiável e acurada do desmatamento no Brasil é o Prodes – sustentado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Especiais (Inpe) -, que usa metodologias e imagens muito diferentes para formação, de fato, de estatísticas. Com exclusividade, mostrou que os dados do Deter, já depurados do período de agosto, setembro e outubro, apontam 856 km<sup>2</sup> de área desmatada, bem diferentes dos dados de um único mês gerados pelo Imazon que apontam áreas e percentuais com três dígitos ou mais.

Zanardi criticou também veículos de comunicação brasileiros

que “se deixaram levar pela histeria e desinformação de institutos de pesquisa”, revelando depois se tratar do Imazon. O Imazon, seguidas vezes, tem usado os dados do sistema Deter, que o presidente do Ibama afirma gerarem “falsos positivos” se não averiguados cuidadosamente. “O sistema Deter usa dados de degradação ambiental e sofre influência de condições meteorológicas, como nuvens, que podem ocultar áreas de desmatamento ou não. Estamos buscando novas tecnologias que poderão evitar esse tipo de informações, como o sistema japonês Halos, que deveremos ter entre 2015 e 2016, junto com intensificação de ações. Se deixarmos essa histeria e desinformação seguirem, parece que não estamos fazendo nada ou que as políticas públicas não funcionam, o que não é verdade”, defendeu-se.

dapoxetine em cure dapoxetine nhs [Priligy without prescription](#)

O Prodes, como afirma o presidente do Ibama, é o sistema oficial de dados sobre desmatamento, pois tem um ano de análises nos períodos de agosto a julho de cada ano, período em que há menos nuvens e menor probabilidade de interferência nas imagens. As imagens geradas no Prodes são diferentes do Deter, que possui imagens imediatadas e brutas, num escopo diferente e com resolução diferente. “Se formos analisar os dados brutos do Deter, que junta todas as informações e falhas, é possível que a área desmatada seja realmente muito alta. Mas os dados corretos de agosto a setembro deste ano são de 856 km<sup>2</sup> apenas. E se fôssemos multiplicar por quatro, para dar um período de um ano, daria pouco mais de 3,3 mil km<sup>2</sup>, sendo ainda menor que a média apontada pelo Prodes de julho de 2013 a agosto de 2014 foi de 4.848 km<sup>2</sup>. Estamos diminuindo e muito as médias de períodos de governo”, ressaltou.

O presidente do Ibama apresentou planilhas mostrando os períodos de governo e as médias de desmatamento. No governo de Fernando Henrique Cardoso, a média foi de 18.825 km<sup>2</sup>. No primeiro governo Lula foram 21.617 km<sup>2</sup>, caindo no segundo governo para 9.757 km<sup>2</sup>. Na primeira gestão de Dilma, a média

foi de 5.432 km<sup>2</sup>, sendo em 2014 4.848 km<sup>2</sup>, a segunda menor média anual histórica desde a gestão FHC, tendo sido a primeira 4.571 km<sup>2</sup> em 2012. Todas as informações são do Prodes. Pelos dados deste ano, o Estado que mais desmatou foi o Pará, com 1.829 km<sup>2</sup>, seguido do Mato Grosso, com 1.048 km<sup>2</sup>. O Amapá teve desmatamento zero e a menor média foi do Tocantins, com 48 km<sup>2</sup>.

“Esses sim são dados oficiais, pois são consolidados. Pelo Deter, numa avaliação bruta, o desmatamento aumentou 200% na Amazônia, mas pelo Prodes, caiu 18%. Isso sempre mostra a disparidade com os dados do Imazon. E agora em 2014, a margem de erro do Imazon foi de 111%. No ano passado, quando o Prodes apontou uma alta de 28%, o Imazon apontou 92%, tendo uma margem de erro ainda maior, chegando a 228%”, atacou Zanardi. No período 2004-2014, a redução total foi de 83%.

Em novembro, o Imazon apontou um aumento do desmatamento na Amazônia em 467% em relação a outubro tendo as florestas degradadas aumentado 1.070% em tamanho, num comparativo do ano anterior. Em outubro, o relatório do Imazon, referente a setembro, foi ainda mais alarmante: aumento de 290% do desmatamento e floresta degradada aumentando em 3.797% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Fonte: ORMNews.

**Publicado por Folha do Progresso fone para contato Cel. TIM: 93-981171217 / (093) 984046835 (Claro) Fixo: 9335281839 \*e-mail para contato: folhadoprogresso@folhadoprogresso.com.br**